

Temas para a sociologia da educação contemporânea em Adorno e Sartre: infância, pensamento, dialética

Fábio Machado Pinto
Jaison José Bassani
Ana Cristina Richter

Resumo

O presente trabalho, de natureza teórica, analisa fragmentos dos escritos de Theodor W. Adorno (1903-1969) e Jean-Paul Sartre (1905-1980) e destaca reflexões para a pesquisa sociológica no campo da Educação, considerando a inflexão que ambos propõem em “direção ao sujeito”. De modo mais específico, realizamos uma leitura de como cada autor refletiu sobre sua própria infância e educação, buscando articular a reflexão autobiográfica que cada um realiza, de diferentes formas, ao núcleo duro de suas concepções teóricas. Ao observarmos como cada autor, na condição de adulto, rememora de forma sistematizada (na filosofia ou na literatura) sua própria infância, refletindo, entre outros aspectos, sobre a condição social de suas famílias e da classe burguesa, a relação com os adultos e com os artefatos (culturais e tecnológicos) de sua época, incluindo a escolarização, podemos também perceber elementos de suas concepções teóricas sobre a subjetividade e de suas análises sobre as vicissitudes do sujeito no contemporâneo. Enquanto que, para Sartre, a infância emerge no âmbito de uma concepção restauradora da narrativa como mediadora da experiência, em um processo, sempre ainda aberto, de transformação da existência, para Adorno, a rememoração sobre sua infância se articula às temáticas da pátria (não como território, mas como humanidade) e da utopia e se coloca como possibilidade de releitura das singularidades das experiências infantis como forma de confrontação e atualização das promessas contidas no passado.

Palavras-chave: Adorno e Sartre. Infância e Experiência. Biografia.

Fábio Machado Pinto

Universidade Federal de Santa Catarina,
UFSC

E-mail: fabiobage@yahoo.com.br

 <http://orcid.org/0000-0003-2729-5286>

Jaison José Bassani

Universidade Federal de Santa Catarina,
UFSC

E-mail: jaisonbassani@uol.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-2769-8747>

Ana Cristina Richter

Instituto Iandê, Florianópolis, SC

E-mail: ana_tinaa@uol.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-4056-5159>

Recebido em: 03/10/2019

Aprovado em: 02/12/2019



<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2020.e67878>

Abstract

Topics for sociology of contemporary education in Adorno and Sartre: childhood, thought, dialectics

This theoretical work analyzes fragments of the writings of Theodor W. Adorno (1903-1969) and Jean-Paul Sartre (1905-1980) and highlights reflections for sociological research in the field of Education, considering the inflection that both propose in "towards the subject". More specifically, we review how each author reflected on his own childhood and education, seeking to articulate the autobiographical reflection that each one makes, in different ways, to the hard core of their theoretical conceptions. As we observe how each author, as an adult, systematically recalls (in philosophy or literature) his own childhood, reflecting, among other aspects, on the social condition of their families and the bourgeois class, the relationship with adults and with the artefacts (cultural and technological) of his time, including schooling, we can also perceive elements of his theoretical conceptions about subjectivity and his analysis of the vicissitudes of the subject in the contemporary. Whereas, for Sartre, childhood emerges in the context of a restorative conception of narrative as a mediator of experience, in an ever-open process of transformation of existence, for Adorno, the recollection of his childhood is linked to the themes of the homeland (not as a territory, but as humanity) and of utopia and is posed as a possibility of rereading the singularities of children's experiences as a way of confronting and updating the promises contained in the past.

Keywords:

Adorno and Sartre. Childhood and Experience. Biography.

Resumé

Themes de sociologie de l'éducation contemporaine Adorno et Sartre: enfance, pensée, dialectique

Ce travail, de nature théorique, analyse des fragments des écrits de Theodor W. Adorno (1903-1969) et de Jean-Paul Sartre (1905-1980) et en montre les enseignements pour la recherche sociologique dans le domaine de l'éducation, en considérant l'inflexion qu'ils proposent "vers le sujet". Plus précisément, nous avons examiné la manière dont chaque auteur a réfléchi à sa propre enfance et à sa propre éducation, en cherchant à articuler leurs réflexions autobiographiques, soutenues par différentes perspectives, au noyau dur de leurs conceptions théoriques. En observant comment chaque auteur, devenu adulte, revisite de façon systématisée (en philosophie ou en littérature) sa propre enfance, pour réfléchir, entre autres, à la condition sociale de sa famille et de la classe bourgeoise, aux rapports aux adultes et aux artefacts (culturels et technologiques) de son temps, y compris à sa scolarité, on peut également percevoir des éléments de ses conceptions théoriques sur la subjectivité et de son analyse des vicissitudes du sujet dans la contemporanéité. Alors que, pour Sartre, l'enfance se présente dans le contexte d'une conception visant à réhabiliter le récit comme médiateur de l'expérience, dans un processus toujours ouvert de transformation de l'existence, pour Adorno, le souvenir de l'enfance s'articule autour des thèmes du pays (non en tant que territoire, mais en tant qu'humanité) et de l'utopie, la relecture des singularités des expériences des enfants étant dès lors considérée comme un moyen de confronter et de mettre à jour les promesses contenues dans le passé.

Mots-clés:

Adorno et Sartre; Enfance et Expérience; Biographie.

Introdução

Em que pese a amplitude das obras do alemão Theodor W. Adorno (1903-1969) e do francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), o presente trabalho, de natureza teórica, analisa fragmentos de seus escritos por meio de uma leitura paralela entre ambos, interessada em destacar reflexões para a pesquisa sociológica no campo da Educação, considerando a inflexão que propõem em “direção ao sujeito”. De modo mais específico, realizamos uma leitura de como cada autor refletiu sobre sua própria infância e educação, buscando articular a reflexão autobiográfica que cada um realiza, de diferentes formas,¹ ao núcleo duro de suas concepções teóricas. Nesse sentido, um pressuposto importante desse trabalho é o de que, ao observarmos como cada autor, na condição de adulto, rememora de forma sistematizada (na filosofia ou na literatura) sua própria infância, refletindo, entre outros aspectos, sobre a condição social de suas famílias e da classe burguesa, a relação com os adultos e com os artefatos (culturais e tecnológicos) de sua época, incluindo a escolarização, podemos também perceber elementos de suas concepções teóricas sobre a subjetividade e de suas análises sobre as vicissitudes do sujeito no contemporâneo. No âmago dessas elaborações de Adorno e Sartre está a noção de experiência (com seus itinerários específicos nas obras de cada autor) e suas formas de apreensão *pele* pensamento², mas também *como* pensamento – no sentido de que “pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais”, como dirá Adorno (2000, p. 151) –, que insiste em manter o corpo e a infância na linguagem,³ como expressão de um trabalho de memória que permite estabelecer uma distância entre o pensar e seu objeto, que faz explodir a imediaticidade do significado convencional e deixa transparecer a incompletude, a ausência de sentido último, em contraposição às formas tradicionais da linguagem científica (GAGNEBIN, 2006).

Ambos foram filósofos e artistas (compositor, no caso de Adorno, escritor, no de Sartre), viveram as profundas transformações da alvorada do século passado, bem como o horror das duas grandes guerras, trilharam itinerários formativos semelhantes com duas tradições filosóficas (fenomenologia e marxismo) caras às suas obras, tiveram destacada participação no debate público em seus países no pós-guerra, entre outros aspectos comuns às suas trajetórias de vida. Contudo, interessa-nos, no contexto deste trabalho, sobretudo o fato de os dois autores terem constituído perspectivas teórico-metodológicas singulares a partir de uma relação de continuidade e superação com a tradição dialética da qual são herdeiros, e no cerne das quais se encontra, como dito anteriormente, a subjetividade e seus desideratos. Consideramos que, apesar de distintas, as perspectivas por meio das quais Adorno e Sartre compreendem as “aventuras da dialética” (MERLEAU-PONTY, 2006) representam contribuições fecundas para pensar problemáticas contemporâneas de pesquisa no campo da Educação. Tanto no âmbito de uma *dialética negativa* que abre mão do caráter afirmativo, sem perder nada em determinação, como no caso de Adorno (2009), quanto da crítica da razão dialética por meio da noção de *totalidade destotalizada*, no caso de Sartre (1960), ambos

encontram e se confrontam com a tradição do marxismo ocidental, mantendo, assim, sob o fio da navalha, a potência da dialética em suas análises sobre as relações sociedade-indivíduo ou objetividade-subjetividade.

As reflexões de Adorno e Sartre sobre a infância ganham destaque no âmbito deste trabalho em um duplo registro: 1) porque dizem respeito a elaborações sobre processos de socialização, ensino e aprendizagem (institucionalizados ou não) vividos e refletidos por indivíduos singulares em um determinado tempo e espaço social, aspecto relevante quando consideramos a relação indivíduo-sociedade, agência-estrutura no âmbito da pesquisa e formação no campo da Educação; 2) porque, e esse constituiu o segundo pressuposto desse texto, haveria uma afinidade eletiva entre infância e dialética, não apenas porque para parte da tradição filosófica ocidental a infância representa *algo de outro* do pensamento racional (GAGNEBIN, 1997) – motivo pelo qual, por exemplo, Horkheimer e Adorno (1985) afirmam que a infância dá testemunho da dialética do esclarecimento –, mas também porque, segundo nossa hipótese, que será aprofundada em trabalho ulterior, Adorno e Sartre são autores que, na forma e conteúdo de suas obras, procuram manter *algo da infância* no pensamento.

Filho do comerciante judeu-alemão Oscar Alexander Wiesengrund e de Maria Barbara Calvelli-Adorno, cantora lírica, Theodor W. Adorno nasceu em Frankfurt, em 11 de setembro de 1903. Cresceu em um ambiente abalizado pela música – na qual foi introduzido e orientado, inicialmente, pela mãe e pela tia –, tendo a música o acompanhado em sua trajetória de formação e em suas experiências intelectuais, nas quais emerge a “confrontação incessante da filosofia com o ‘campo da empiria’, em especial a Teoria Social, a Crítica Literária, a Estética Musical e a Psicologia”, numa “desconsideração soberana pelas fronteiras intelectuais.” (ALMEIDA et al. 2011, p. 9).

Esse desapego pelas rígidas fronteiras intelectuais também se apresenta em Jean-Paul Sartre, nascido na mesma época de Adorno, no início do século XX, em 1905, em Paris, de origem pequeno-burguesa. Do lado paterno, viveu o conservadorismo rural de famílias abastadas e decadentes, das quais ele nutriu por toda a vida um afastamento crítico. Quis a vida que ele fosse criado pelos Schweitzer, membros de uma burguesia urbana, que valorizava a cultura em suas variadas expressões: a fotografia, o teatro, a música e o cinema. Do pai, não lhe restaram nem mesmo fotografias; por outro lado, as de seu avô Charles enchiam a casa (SARTRE, 1964).

No espaço familiar, foram oportunizadas tanto a Adorno quanto a Sartre experiências estéticas, a exemplo da música e da literatura, às quais não abdicaram, ao longo de suas vidas e obras, em seus esforços de reflexão sobre a sociedade e a subjetividade. Também não abandonaram uma reflexão que traz a infância para o corpo do pensamento dialético, tomando em consideração o *in-fant*, o que não fala, mas encontra potência para tal, aquele que se confunde na linguagem e é por ela confundido. Ou, ainda, no âmbito de

uma infância que se realiza no jogo com objetos e palavras, entrelaçando memória e imaginação e atravessada por “arrepios” de prazer e de dor que relampejam em seus escritos.

São distintas e desiguais (em termos quantitativos inclusive) as formas como cada autor se refere à própria infância. Enquanto Sartre, por exemplo, escreveu um romance autobiográfico abrangendo esse período de sua vida, as relações familiares e o desenvolvimento e a constituição de seu projeto de ser escritor, passando pela formação do gosto pela literatura e pelos livros (SARTRE, 1964), as passagens em que Adorno rememora aspectos de sua vida quando criança, inclusive no contato com a música, são esparsas e se encontram diluídas ao longo de seus escritos, alguns dos quais vinculados a conferências, ensaios de ocasião e aulas por ele ministradas.

O esforço autobiográfico de Sartre envolve a totalidade da sua obra, trata-se de um projeto que precede a formulação conceitual da sua própria filosofia e consiste no projeto de associar romance e autobiografia, literatura e filosofia. Sua obra literária pode ser considerada como um projeto fundamentalmente autobiográfico, “projeto literário que corresponde estritamente a uma filosofia fundada sobre o cogito.” (CONTAT, 1996, p. 2). Sua “autobiografia falada” (LEJEUNE, 1980) e o imenso canteiro autobiográfico (CONTAT; RIBALKA, 1990) reúne narrativas, diários, correspondências (boa parte ainda inéditas), entrevistas etc. O tema da infância aparece com toda sua força em *Les Mots* (SARTRE, 1964), mas também em *L'enfance d'un chef* (SARTRE, 1939) e em diversos trechos de *Les Carnets de la drôle de Guerre* (SARTRE, 1983). O tema da infância ganha relevância em função de sua opção pelo modo biográfico, que teve início em seu ensaio romanesco *Baudelaire* (SARTRE, 1947), ganhando contornos psicanalíticos existencialista em *Saint Genet: Comédien et martyr* (SARTRE, 1952) e em *L'Idiot de la Famille: Gustave Flaubert de 1821 à 1857* (SARTRE, 1971-72).

O livro *Minima Moralia* (ADORNO, 1993), conjunto de aforismos que data do início de 1944, cujo subtítulo, “reflexões sobre a vida danificada”, não é menos importante aqui, talvez seja a obra que, na forma, mais se assemelha a reflexões de caráter autobiográfico e na qual encontramos algumas das passagens em que Adorno escreve sobre a própria infância.

De certa forma, esse tratamento distinto e desigual dado ao tema também se reflete na estrutura deste texto. Antes de ser fruto de extensa e detalhada pesquisa das passagens nas quais os autores elaboram reflexões autobiográficas sobre suas próprias infâncias, ele se configura como *um* roteiro de investigação de uma possível chave de interpretação comum dos trabalhos de Adorno e Sartre, o qual necessita de maior desenvolvimento, e que se relaciona, de maneira mais ampla, com a relação entre infância e pensamento. Não se trata, no presente artigo, de descrever ou reproduzir aspectos biográficos da vida desses autores para “explicar” diretamente suas obras, procedimento que seria problemático se considerarmos os pressupostos de suas próprias concepções de biografia. Não pretendemos tampouco evidenciar as diferenças e críticas entre suas perspectivas – o que não significa, evidentemente, ignorá-las –, as quais se expressam, entre

outros elementos, nos limites e possibilidades de ação que atribuem aos indivíduos na sociedade capitalista. Se, para Adorno “não há como fugir da sociedade administrada, do pesadelo da razão – e a resistência a esse ritmo da razão tecnicista só pode se dar pela via negativa”, para Sartre, “há sempre um espaço de escolhas, uma vez que a vida social é permeada por lutas, havendo espaço para projetos individuais e coletivos” (MANGADARÁ, 2017, p. 49).

Nosso propósito, portanto, é o de apresentar uma leitura de fragmentos da obra desses autores nos quais as reflexões sobre a infância e sua educação ganham o primeiro plano da escrita. Ao privilegiar a singularidade das “composições”, busca-se preservar os “contrastes”, as “dissonâncias”, bem como as tensões que Adorno e Sartre demarcam no âmbito de uma “(des)afinação”⁴ com o marxismo.

Na sequência, o texto está organizado da seguinte forma: consagramos a primeira parte à reflexão autobiográfica da infância de Sartre, com destaque, embora não exclusivo, para suas obras literárias, enfocando a vinculação com as tópicas sartreanas da liberdade e do projeto de ser. Na segunda, abordamos a relação entre infância, pátria e utopia em Adorno. Por fim, à guisa de considerações finais, retomamos aspectos centrais das análises até então realizadas e enfatizamos a importância da relação entre infância, pensamento e experiência nas obras de ambos.

Sartre: infância, liberdade, projeto

*O que se pode saber de um homem hoje?*⁵ Em Sartre, o tema da infância surge no prefácio de *L'idiote de la famille* como uma “chaga profunda”⁶, escondida, por debaixo de sua pele. Para o autor, na infância nos perdemos, pois nascemos em uma família – este ponto de inserção numa classe social – para em muitas situações jamais nos encontrar novamente. Nesses casos, a história condena, trata-se de nossa liberdade alienada, com suas restritas possibilidades de escolha. Contudo, mesmo onde as determinações parecem solapar o sujeito, a liberdade se expressa como condição humana. A biografia de Flaubert mostra que o escrever veio pouco a pouco, um tanto tarde para alguém de seu meio, a partir do momento em que aprendeu, com muita dificuldade, a falar e a ler.⁷ Portanto, como escreve Leopoldo e Silva (2014), a infância associa-se ao movimento tortuoso da história individual que expressa a universalidade no drama singular de uma existência, inscrita numa situação em que se encontra sua família e a sociedade de sua época. Para Sartre, a criança que nasce é tanto uma “disposição” quanto um ato, sendo situada desde o nascimento. A liberdade à qual está condenada emerge quando ela se reconhece como uma singularidade, distinguindo determinados atributos como seus e tomando a si mesma como objeto de reflexão em um processo de estranhamento. Esse movimento de estranhamento de si se assemelha àquele relatado no “diário” de Roquentin, em *La nausée* (1938) – um dos primeiros e mais importantes romances de Sartre –, quando o historiador reconhece a contingência, o predomínio da gratuidade existencial. Nesse processo, o personagem lamenta que a vida não seja um romance policial, com um enredo muito bem definido, com início, meio e fim.

O lamento inicial em torno da falta de ordenamento e o estranhamento do historiador de *La nausée* diante da caótica liberdade da existência também dizem respeito a Lucien, personagem do conto *L'enfance d'un chef* (SARTRE, 1939), quando a criança elabora suas primeiras perguntas sobre a identidade do indivíduo, sobre sua existência para si e para os outros e sobre o mundo que a cerca, como se pode observar no seguinte trecho:

‘Quem sou eu? Eu olho a escrivadinha, olho o caderno. Chamo-me Lucien Fleurier mas isso não é senão um nome. Eu me exibio. Eu não me exibio. Não sei, isso não tem sentido’. – Sou um bom aluno. Não. É aparência – um bom aluno gosta de trabalhar – eu não gosto. Tenho boas notas, mas não gosto de trabalhar. Não detesto o trabalho, tampouco não lhe dou importância. Não dou importância a nada. Nunca serei um chefe. Pensou com angústia: ‘Mas que vou ser?’ Passou um momento; coçou a cara e piscou o olho esquerdo porque o sol ofuscava. ‘Que sou eu, eu?’. Havia a bruma, enrolada sobre si mesma, indefinida. ‘Eu!’ Olhou ao longe; a palavra soava na sua cabeça, talvez se pudesse adivinhar alguma coisa como a ponta sombria de uma pirâmide. (SARTRE, 2005a, p. 17).

É nesse momento de consciência, de desencontro, de confronto com os nomes, com as palavras dos adultos, com seus objetos e seus jeitos, com suas histórias e imagens, com seus modos de educar e de avaliar que a criança “entra na história” e se (des)orienta para o seu próprio projeto de ser, para aquilo que *ainda não foi e ainda não é*, para um desejar ser; enfim, para a liberdade como condição humana, isenta de determinismos, de idealismos, de bases biológicas, psíquicas ou culturais (LEOPOLDO E SILVA, 2014).

Esse projeto de ser, colocado pelos adultos e sua época, encontra-se e desencontra-se, escapa aos processos de ensino e de aprendizagem na família e na escola, como Sartre evidencia em *L'idiot de la famille* e em *Les Mots*, obras nas quais a filosofia se une à literatura tanto para narrar o encontro de infâncias (a do escritor Gustave Flaubert e a sua própria, respectivamente) com suas instituições primárias, com suas redes de relações, com seus objetos e projetos quanto para compreender os movimentos que indivíduos fazem a fim de recriar a realidade que vivenciam singularmente.

No primeiro livro, baseado na vida de Flaubert, Sartre põe em cena o futuro escritor Gustave, cuja infância é marcada pela *experiência concreta* de uma criança – nesse caso específico, como Flaubert escolheu a neurose como saída da pressão da família, lidando através da escolha da passividade dentro da estrutura com as condições em que foi colocado, não se tornando o que o outro quis. **A presença de uma mãe autoritária, de irmãos brilhantes e, sobretudo, do “papai Mignot”, que sempre “lia para ele”, pela confusão com as palavras e pelo difícil contato inicial com a linguagem, expressando uma subjetividade que se constitui contra o seu contexto histórico.**^[A1] Não quis ser médico, então seu pai o enviou a Paris para fazer direito. A pressão familiar o leva a procurar saídas, mas não pelo enfrentamento. O não aprender é a forma de protesto na relação com essa pressão que impede seu aprendizado e incide na crise.

Em *L'idiot de la famille*, a narrativa busca retratar o processo pelo qual o indivíduo se faz sujeito, por meio de

uma relação dialética entre a liberdade e os fatores que determinam a situação vivida no cruzamento entre história pessoal e a história social da época. [...] É nesse sentido que Sartre propõe uma crítica

a razão dialética, buscando configurar um saber sobre o homem que não esteja preso nem na soberania da consciência, no estilo clássico, nem à causalidade determinista do marxismo ortodoxo dos anos 1950. Essa dupla exclusão, decorrente de uma abordagem dialética da subjetividade e da história, permite que se incluam na questão humana as duas perspectivas que antes pareciam antagônicas: a singularidade subjetiva e a universalidade histórica. (LEOPOLDO E SILVA, 2014, p. 4).

Não há que se buscar um domínio inconsciente na infância de Gustave, uma vez que Sartre rejeita essa noção freudiana. Todavia, o relevo que a psicanálise concede à infância também pode ser identificado na obra do filósofo francês. Segundo Leopoldo e Silva (2014), Sartre considera a infância como “proto-história”, como cenário de elucidação imprescindível para entender *como e a partir do que*, o indivíduo elaborará sua própria história. Em *L’idiot de la famille*, a infância emerge como

a travessia de um quarto escuro, as zonas de obscuridade da consciência, a dificuldade em corresponder ao que os outros querem de nós – ou ao que querem fazer de nós. Recusar tudo isso é recusar a comunicação; daí o silêncio e o ‘torpor’ de que fala Sartre e que era interpretado pela família [de Gustave] como retardo ou idiotia. (LEOPOLDO E SILVA, 2014, p.4).

Em *Les Mots*, obra autobiográfica⁸, Sartre expressa seu percurso de formação intelectual, atravessado pela relação com os livros, com todos os sentidos, com seus cheiros, seus personagens e seus lugares, e com as mãos que os tocam. São *experiências concretas de atração* que se tornam estados e qualidades pela objetivação do leitor e escritor que é “desde cedo preparado para tratar o magistério como um sacerdócio e a literatura como uma paixão”, escreve Sartre (2005b, p. 28). Nessa ambiência, os livros transformam-se em objetos de desejo da criança mesmo antes de aprender a ler:

Eu não sabia ainda ler, mas já era bastante esnobe para exigir os meus livros. Meu avô foi ao patife de seu editor e conseguiu de presente Os Contos do poeta Maurice Bouchor, narrativas extraídas do folclore e adaptadas ao gosto da infância por um homem que conservava, dizia ele, olhos de criança. Eu quis começar na mesma hora as cerimônias de apropriação. Peguei os dois volumezinhos, cheirei-os, apalpei-os, abri-os negligentemente na ‘página certa’, fazendo-os estalar. Debalde: eu não tinha a sensação de possuí-los. Tentei sem maior êxito tratá-los como bonecas, acalentá-los, beijá-los, surrá-los. Quase em lágrimas, acabei por depô-los sobre os joelhos de minha mãe. Ela levantou os olhos de seu trabalho: "O que queres que eu te leia, querido? As Fadas?" Perguntei, incrédulo: "As Fadas estão aí dentro?" [...] Ao cabo de um instante, compreendi: era o livro que falava. Dele saíam frases que me causavam medo: eram verdadeiras centopeias, formigavam de sílabas e letras, estiravam seus ditongos, faziam vibrar as consoantes duplas: cantantes, nasais, entrecortadas de pausas e suspiros, ricas em palavras desconhecidas, encantavam-se por si próprias e com seus meandros, sem se preocupar comigo; às vezes desapareciam antes que eu pudesse compreendê-las, outras vezes eu compreendia de antemão e elas continuavam a rolar nobremente para o seu fim sem me conceder a graça de uma vírgula. Seguramente, o discurso não me era destinado. Quanto à história, endomingara-se: o lenhador, a lenhadora e suas filhas, a fada, todas essas criaturinhas, nossos semelhantes, tinham adquirido majestade; falava-se de seus farrapos com magnificência; as palavras largavam a sua cor sobre as coisas, transformando as ações em ritos e os acontecimentos em cerimônias. (SARTRE, 2005b, p. 45)

Em *Les Mots*, Sartre descreve seu grupo familiar, composto de quatro pessoas: ele, seu avô, avó e mãe. Modelo familiar patriarcal, onde as duas mulheres, avó e mãe, desempenhavam um papel secundário nas decisões. Trata-se de um grupo social para o qual os livros têm lugar de destaque e, com eles, a família, as amizades, a escola, a frieza, a irritação, a figura dos heróis e do autor, a escrita, a leitura, o editor, a raiva,

o amor, a dissimulação, a confiança cega, a religião, a desconfiança, o aluno, o medo, a serenidade, o silêncio, os olhares petrificantes, os cheiros, a impaciência, o abandono, o cuidado, a traição, as manias, as repetições ociosas, a dúvida, o tédio, o suor, a morte, a existência injustificada e, junto a tudo isso, a mudança:

Mudei. Contarei mais tarde que ácidos roeram as transparências deformantes que me envolviam, quando e como efetuei o aprendizado da violência e descobri minha feiura — que foi durante muito tempo meu princípio negativo, a cal viva em que a criança maravilhosa se dissolvera —, por que razão fui conduzido a pensar sistematicamente contra mim mesmo, a ponto de medir a evidência de uma ideia pelo desprazer que me causava. A ilusão retrospectiva está reduzida a migalhas; martírio, salvação, imortalidade, tudo se deteriora, o edifício cai em ruínas, catei o Espírito Santo nas caves e o expulsei delas. [...] há quase dez anos sou um homem que desperta, curado de longa, amarga e mansa loucura, e que está perplexo, e que não consegue lembrar-se, sem rir, de seus antigos erros, e que não mais sabe o que fazer de sua vida. Voltei a ser o viajante sem passagem que eu era aos sete anos; [...] Desinvesti, mas não abjurei de ordens; escrevo sempre. Que outra coisa fazer? *Nulla dies sine linea*. É o meu hábito e, também, é meu ofício. Durante muito tempo tomei minha pena por uma espada: agora, conheço nossa importância. Não importa: faço e farei livros; são necessários; sempre servem, apesar de tudo. A cultura não salva nada nem ninguém, ela não justifica. Mas é um produto do homem: ele se projeta, se reconhece nela; só esse espelho crítico lhe oferece a própria imagem. De resto, esse velho edifício ruinoso, minha impostura, é também meu caráter: a gente se desfaz de uma neurose, mas não se cura de si próprio. Gastos, obliterados, humilhados, encantoados, passados em silêncio, todos os traços da criança, remanesceram no quinquagenário. A maior parte do tempo se acaçapam na sombra, espreitam: ao primeiro instante da inadvertência, reerguem a cabeça e penetram em pleno dia sob um disfarce: pretendo sinceramente escrever apenas para o meu tempo, mas eu me agasto com minha notoriedade presente; não é a glória, pois eu vivo, e só isso basta para desmentir meus velhos sonhos; será que eu ainda os alimento secretamente? Não de todo: eu os adaptei, creio [...]. Vejam se se reconhecem nisso. De minha parte, não me encontro e me pergunto às vezes se não estou jogando o perde-ganha e empenhando-me em pisotear minhas esperanças de outrora para que tudo me seja devolvido ao cêntuplo. [...] O que eu amo em minha loucura, é que ela me protegeu, desde o primeiro dia, contra as seduções da ‘elite’: nunca me julguei feliz proprietário de um ‘talento’: minha única preocupação era salvar-me — nada nas mãos, nada nos bolsos — pelo trabalho e pela fé. Desta feita, minha pura opção não me elevava acima de ninguém: sem equipamento, sem instrumental, lancei-me por inteiro à ação para salvar-me por inteiro. Se guardo a impossível Salvação na loja dos acessórios, o que resta?; Todo um homem, feito de todos os homens, que os vale todos e a quem vale não importa quem. (SARTRE, 2005b, p. 161).

Tomando como ponto de partida as experiências concretas de sua realidade social, Sartre expressa a dialética de um homem mediado pelas coisas, pelos outros e pela sua época, considerando também que essas são mediadas pelo homem (SARTRE, 2005b). Imersa na cultura, política, arte, literatura, religião de sua época, a família media os processos vividos pela criança. Meio católica e meio luterana, mas de fato descristianizada, resiste a se desfazer desses instrumentos de sobrevivência, como bem demarca Sartre: “minha família fora atingida pelo lento movimento de descristianização que nasceu na alta burguesia francesa voltairiana e levou um século para estender-se a todas as camadas da sociedade: sem tal enfraquecimento geral da fé.” (SARTRE, 2005b, p. 71-72).

Tanto em sua autobiografia quanto em *L’Idiot de la famille*, encontra-se uma expressão exemplar de seu arcabouço teórico-metodológico, relacionada às teses da consciência como intencionalidade; do Ego como transcendente; da liberdade como condição humana; do projeto, desejo e saber de ser que se constituem numa história de relações, em um movimento histórico, que compreende uma época, os grupos

e seus tecimentos, saberes, materialidades, em movimento permanente de totalização, destotalização e retotalização: um *vir-a-ser*.

O estudo biográfico é uma marca de sua literatura ao expressar suas concepções teóricas, a exemplo de sua compreensão sobre o Ego, como algo que se encontra fora do homem, não como centro de desejos e atos, mas como algo no mundo, ou seja, transcendente (SARTRE, 1994). A filosofia penetra em seus romances e biografias, buscando expressar a vida em concretude desde suas experiências de ser nas relações objetivas e subjetivas.

Na biografia de Flaubert, como em outras obras, ganha expressão o tema da infância como esta “chaga profunda, sempre escondida”, anteriormente referida, isso que subsiste no adulto como passado, mas também futuro. A compreensão biográfica implica em estabelecer, dialeticamente, os nexos sobre a forma pela qual o adulto se reproduz e se reproduzirá contra sua infância, por ela e com ela. Neste sentido, as noções de classe social e sujeito encontram-se imbricadas por um conjunto de mediações, tecido complexo das relações humanas. Nesse contexto, a compreensão do homem só se dá por um ato investigativo interdisciplinar capaz de verificar cada uma das mediações que implicam a criança no mundo, em uma família, com seu corpo, pensamentos e emoções. O método sartreano, progressivo-regressivo, “é heurístico e determina progressivamente a biografia, aprofundando a época, e a época aprofundando a biografia. Longe de procurar integrar logo uma à outra, mantê-las-á separadas até que o envolvimento recíproco se faça por si mesmo e ponha um termo provisório na pesquisa.” (SARTRE, 1987, p. 171)

Para Sartre, “a infância decide” no sentido de que é nela que o projeto se instala no sujeito por meio do contexto sócio-histórico e dos tecimentos com adultos que demarcam seu campo dos possíveis, fornecendo os recursos e utensílios, até mesmo o pensamento e a prática pela qual a criança vai se orientando em suas primeiras incursões no mundo. A criança vive todo este universal como particular, vivenciando sua condição futura por meio de hábitos, sentimentos, interesses, necessidades e desejos, técnicas e artefatos que se encontram acessíveis, disponíveis em seu grupo de origem. A família faz essa mediação que aproxima projeto e desejo de ser, e que na vida adulta vai demarcar sua (in)viabilização levando ao sofrimento ou realização:

é a infância que modela preconceitos insuperáveis, é ela que faz sentir, na violência da domesticação e nos desnorreamentos do domesticado, o pertencimento ao meio como um acontecimento singular. Só a psicanálise permite, hoje, estudar a fundo o processo pelo qual uma criança, no escuro, tateante, vai tentar desempenhar, sem compreendê-lo, o personagem social que os adultos lhe impõe, só ela nos mostrará se a criança sufoca em seu papel, se procura fugir dele ou se o assimila inteiramente. Apenas ela permite encontrar o homem inteiro no adulto, isto é, não somente suas determinações presentes como também o peso de sua história (SARTRE, 1987, p. 138).

A família é este ponto de inserção da criança em sua classe e no meio que a circunda. Ainda que parte desta vivência seja feita sozinha, será sempre constituída pelo movimento geral da história e vivida, simultaneamente, pela sua profundidade e opacidade. É assim, pertencendo a determinado grupo, que a

criança vive e conhece, com maior ou menor clareza, sua condição no mundo, como parte de uma classe. Para Sartre, ainda que o conjunto de nossas ideias, preconceitos e crenças pareçam insuperáveis, visto que foram experimentadas na infância, com função em nossas cegueiras e reações irracionais, mesmo as sanhas, paixões loucas e criminosas, podemos encontrá-las todas nestas relações diretas e presentes do sujeito com o meio e sua classe. Podemos encontrá-las, pois foram vividas e tomadas como objeto da consciência, diante da qual não podemos negar sua ocorrência, ainda que para isso tenhamos que superar os mecanismos da *má-fé*, quando o homem se refugia por trás da desculpa de suas paixões, inventa um determinismo e dissimula a liberdade do engajamento (SARTRE, 1987).

Nesse contexto, a inteligibilidade dialética da história e da memória permite a reconstrução de um cenário no qual os próprios homens, em sua práxis individual e coletiva, fazem a história livremente, para além ou para aquém das marcas sociais vivenciadas na infância. A dialética sartreana orienta-se, assim, para uma experiência vivida por parte de um homem concreto, para sua repetição ou sua recusa, em um diálogo construído no movimento de crítica e de reapropriação existencialista da infância no adulto, no qual se conjugam, em sínteses, liberdades e projetos de ser.

A infância emerge assim, na obra de Sartre, no âmbito de uma concepção restauradora da narrativa como mediadora da experiência: de um processo, sempre ainda aberto, de transformação da existência (SPOHR, 2016).

Adorno: infância, pátria, utopia

Em duas ocasiões, depois do regresso dos anos de exílio forçado nos EUA, Adorno manifestou que seu desejo de retornar à Alemanha respondia a uma necessidade subjetiva – embora também houvesse outras, de caráter objetivo, como o idioma (ADORNO, 1995, p. 133): a de saudade (*Heimweh*) de sua terra natal, onde vivera sua infância. A primeira dessas ocasiões refere-se a resposta à pergunta “Por que regressou para a Alemanha?”, formulada em 1962 pelo Órgão do Sindicato Alemão dos Correios:

Sencillamente, quería volver allí donde pasé mi infancia, movido últimamente por el sentimiento de que lo que se realiza en la vida es poco menos que el intento de recuperar la infancia transformándola. No subestimé los riesgos y las dificultades de mi decisión, pero hasta hoy no me he arrepentido de tomarla. Precisamente porque mi trabajo en Alemania es sobre todo de índole crítica; acaso porque me imagino tan poco haciendo concesiones al espíritu dominante aquí como al dominante al otro lado, puedo manifestar estos motivos sin exponerme al malentendido de la debilidad o del sentimentalismo. (ADORNO, 2014, p. 398; grifos nossos).

A segunda, intimamente relacionada à primeira, é fruto de entrevista que Adorno concedera nesse mesmo ano à rádio *Deutschlandfunk* e que versava sobre a pergunta “O que é alemão?”, e que foi posteriormente incluída na obra *Palavras e sinais*, publicada em 1969 (ADORNO, 1995, p. 124-136): “Eu queria simplesmente retornar para lá onde tinha vivido a minha infância, ao lugar onde meu ser específico

foi mediado até o mais íntimo. Eu queria sentir que aquilo que se realiza na vida não é muito mais do que a tentativa de recuperar a infância” (ADORNO, 1995, p. 130).

Conforme destaca Claussen (2006), nessas passagens há uma relação entre utopia, infância e pátria, associação frequente também na obra de outros intelectuais coetâneos (Walter Benjamin e Ernest Bloch, por exemplo) que, como Adorno, viveram a experiência do exílio forçado provocado pelas guerras e pelos regimes totalitários da primeira metade do século XX. A partir do final da Primeira Guerra Mundial, dirá Benjamin no ensaio sobre *O Narrador* (BENJAMIN, 1985), as transformações vividas no continente europeu deixaram mais “pobres de experiência” não apenas os soldados que regressavam dos campos de batalhas, mas também toda uma geração que passara a viver “numa paisagem em que nada permanecera inalterado” (BENJAMIN, 1985, p. 198).

Desde o exílio na França, por exemplo, Benjamin escrevera suas memórias sobre a infância vivida em Berlim por volta de 1900 (BENJAMIN, 1995), livro que teve grande impacto sobre Adorno, que também se encontrava exilado, primeiro na Inglaterra e posteriormente nos EUA, como atestam, entre outros textos, as correspondências trocadas entre ambos. No seguinte trecho, de uma carta de 7 de novembro de 1936, Adorno escreve para Benjamin comentando a respeito da semelhança que notara entre um livro enviado por seu amigo algumas semanas antes e o ensaio autobiográfico escrito por Benjamin:

O livro *Homens alemães [Deutsche Menschen]*⁹ me propiciou de fato grande prazer; li-o assim que recebi, noite adentro, da primeira à última frase. A expressão de melancolia que ressuma do livro me parece admiravelmente próxima a da *Infância em Berlim*, que aliás deve ter coincidido no tempo com a seleção e introdução das cartas. Se aquela reproduzia imagens de uma vida de que a própria classe se oculta sem que já revele a outra, então o olhar que recai nas cartas reproduz, por assim dizer, o mesmo processo de ocultação, mas agora do prisma objetivo, de que a *Infância* era o testemunho subjetivo (ADORNO, 2012, p. 246-247).

Tanto para Benjamin quanto para Adorno, a reflexão memorialística que realizam remete menos a uma idealização ou romantização da infância (tanto daquelas particulares que viveram quanto da infância em geral) do que a uma possibilidade de releitura das singularidades das experiências infantis como forma de confrontação e atualização da vida adulta (SANTOS, 2018). Conforme destaca Claussen (2006), ainda que crianças de famílias burguesas do início do século XX, como Adorno e Benjamin, parecessem ter um futuro promissor assegurado, sobre suas infâncias pairavam a destruição e o sofrimento. O próprio Adorno salienta isso em um comentário de 1950 a propósito do referido livro *Infância em Berlim por volta de 1900* de Benjamin:

Pues las imágenes que lo irrecuperable hace brotar en extraña cercanía no son idílicas ni contemplativas. Sobre ellas está la sombra del Reich de Hitler. Como en una fantasía conjuntan el terror de aquél y el lejano pasado. El ingenio burgués se descubre con pánico a sí mismo en el aura casi desvanecida del propio pasado biográfico: como apariencia (ADORNO, 2014, p. 163).

Adorno passou sua infância em Frankfurt am Main *por volta de 1910*, primeiro na rua *Schöne Asschit* (Bela vista), para onde seu avô paterno transferiu em 1864 o comércio de vinhos e licores que tinha desde 1822 em Dettelbach (pequena cidade do estado da Baviera), e, a partir de 1914, em *Seeheimer Strasse*, quando o pai de Adorno decide transladar a residência da família – mantendo o antigo endereço apenas para fins comerciais – em função das transformações que o antigo bairro sofrera com a industrialização da cidade desde a periferia e a ampliação do porto. Segundo Claussen (2006, p. 31), em uma infância frankfurtiana nesse período entra em jogo tanto o extenso século burguês quanto a transformação da cidade, tanto o secular aburguesamento vivido pelos judeus na Alemanha quanto as modificações pelas quais passou a própria burguesia e, poderíamos agregar ainda, os processos de socialização familiar a ela inerentes: “Adorno conoció la burguesía cuando ésta aún estaba viva en la familia del cambio de siglo, una familia que ciertamente reprime al individuo, pero que también lo fortalece, cuando no lo produce” (CLAUSSEN, 2006, p. 49).

O caráter aparente da família burguesa, acima referido por Adorno, deve-se a uma tendência histórica, mas perceptível também pelas crianças, e se relaciona à ocultação da base econômica sobre a qual está assentada a suposta segurança e conforto do lar. A despeito dos esforços de seus pais em manter trabalho e economia fora de seu campo de visão, a falsidade da distinção entre âmbitos econômico e familiar, expressa também na mudança de residência e bairro da família Wiesengrund-Adorno, é captada pelo pequeno Teddie (apelido de Adorno entre familiares e amigos) e lembrada no aforismo “Monogramas”, de *Minima Moralia*:

bem cedo em minha infância, vi os primeiros varredores de neve, vestidos em roupas leves e miseráveis. Em resposta a uma pergunta minha, foi-me dito que se tratava de homens sem trabalho, aos quais se dava tal ocupação para que pudessem ganhar o pão. Bem feito que tenham de varrer neve, exclamei enfurecido, para derramar-me em seguida num choro incontrolável. (ADORNO, 1993, p. 167).

Em outra passagem desse livro, no aforismo “Regressões”, Adorno recorda com “arrepio” as canções de ninar que ouvira na infância e nas quais se pode identificar a *frieza* com a qual ele caracterizará a sensibilidade burguesa em muitos de seus trabalhos posteriores, no sentido de uma profunda indiferença em relação ao que acontece com os outros, excetuando um pequeno grupo de pessoas com as quais se mantém vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos (ADORNO, 2000, p. 134). Os versos da canção que Adorno rememora fazem referência à segurança do lar burguês, onde a criança pode dormir “tranquila”, pois o mendigo, que rondava a casa em busca de abrigo, foi espantando para longe dali:

“Dorme tranquilo/fecha os olhinhos/ouve a chuva cair/ouve o cãozinho do vizinho latir./ O cãozinho mordeu o homem,/ rasgou a roupa do mendigo,/ o mendigo corre para o portão,/ dorme tranquilo.” A primeira estrofe da canção de ninar de Taubert é de fazer medo. E, todavia, suas duas últimas beatificam o sono como promessa de paz. Mas isso não se deve de todo à dureza burguesa, ao sentimento reconfortante, de que o intruso foi repellido. A criança adormecida quase esqueceu o

estranho expulso, que no livro de canções de Schott parece um judeu, e presente no verso “o mendigo corre para o portão” uma tranquilidade sem a miséria alheia. Enquanto existir um único mendigo, lê-se no fragmento de Benjamin, existirão mitos; só a desapareição do último deles significaria a reconciliação do mito. [...] A desapareição do mendigo não seria no fim das contas, uma reparação do que foi infligido e que não pode mais ser reparado? Não há em toda perseguição perpetrada pelos homens, que, com seu cão, atacam toda natureza contra o mais fraco, a esperança oculta de que sejam suprimidos os últimos vestígios de perseguição, que é ela mesma parte da natureza? [...] “Agora podes ficar tranquilo, o mendigo já encontrou onde pousar.” (ADORNO, 1993, p. 175).

Em “Educação após Auschwitz” (ADORNO, 2000, p. 119-138), um dos mais conhecidos textos de Adorno e uma espécie de elaboração para o campo da Educação dos pressupostos teóricos presentes em *Dialética do esclarecimento* (HORKHEIMER; ADORNO, 1985) – obra-chave da perspectiva teórica da Escola de Frankfurt, e no qual a frieza burguesa é analisada como uma das causas sociais que permitiram que Auschwitz fosse possível -, a referência à infância como campo de possibilidades socialmente determinada aparece associada ao tema da desbarbarização das relações entre as pessoas e ao fortalecimento do ego e da reflexão crítica por meio de uma pedagogia que não premie o medo, a força física, a severidade; enfim, uma pedagogia que desacostume as pessoas, desde a primeira infância, a se darem “cotoveladas” (ADORNO, 2000, p. 162). Nesse contexto, coloca-se a preocupação de Adorno com as manifestações de preconceito e violência que se mostram presentes nas crianças já no *Kindergarten* (Educação Infantil) e na escola. A atenção que Adorno destina ao tema da violência,¹⁰ certamente uma herança dos horrores nazistas, tem também um componente autobiográfico, como se lê no aforismo “O mau camarada”, de *Minima Moralia* (ADORNO, 1993), no qual relata suas relações com colegas de escola fisicamente mais fortes e violentos, nos quais identifica – sem qualquer condescendência em relação à eventual perversidade infantil¹¹ – o traço marcante do fascismo que viria:

A rigor eu deveria ser capaz de derivar o fascismo das lembranças de minha infância. Como faz um conquistador em relação a províncias longínquas, o fascismo enviara seus emissários muito antes de fazer sua entrada: meus camaradas de escola. [...] Todos os temas da catástrofe permanente tinham-me roçado tão de perto, os sinais de advertência do despertar da Alemanha tinham-me marcado de uma forma tão indelével, que fui capaz de identificar cada um deles nos traços da ditadura de Hitler: e, no meu horror tolo, com freqüência eu tinha impressão de que o Estado total havia sido inventado especialmente contra mim, para fazer-me sofrer aquilo que na minha infância – a pré-história dele – eu havia sido dispensado até segunda ordem. Os cinco patriotas que se precipitaram sobre um único colega, espancando-o, e que o difamaram como traidor da classe quando ele se queixou ao professor - não são eles os mesmos que torturaram prisioneiros para desmentir os que, no exterior, diziam que se torturavam prisioneiros? Aqueles cuja zombaria era interminável quando o primeiro da turma falhava - não foram eles que com caretas risonhas e um tanto embaraçados, cercaram o detento judeu e caçoaram quando este, de maneira desajeitada, tentou se enforcar? (ADORNO, 1993, p. 168-169).

Outra dimensão do caráter de aparência da família burguesa acima mencionado se refere à cultura fomentada no lar:

La exageración de las convenciones y la frialdad emocional van juntas. Ambas privan a la familia, igual que a todas las formas de mediación entre el individuo biológicamente considerado, el átomo individuo, y la sociedad integral, de su sustancia. Como también a la esfera económica de la

circulación o a la categoría, hondamente ligada a la familia, de la *formación*. (ADORNO, 2014, p. 306-307, grifo nosso).

No entanto, como dito anteriormente, Adorno viveu em um momento, nos estertores da época de ouro do liberalismo, em que a família burguesa, a despeito dessa aparência, era uma instância de mediação até o mais íntimo do indivíduo. Nesse sentido, é recorrente em Adorno, ao lado de uma forte crítica sociológica à família,¹² a recordação de um processo de socialização familiar bem-sucedido, uma vez que ela ainda havia podido legar “o amparo e proteção imprescindíveis para promover um talento na intimidade do lar” (ADORNO, 2014, p. 309, tradução nossa ligeiramente modificada). Nesse contexto se inserem as lembranças dos momentos de contato com a música, em geral, e com o piano, em específico, conforme podemos ler no breve texto intitulado “A quatro mãos, uma vez mais” (ADORNO, 2008a), publicado originalmente em 1933, no qual, segundo Claussen (2006, p. 49), Adorno rende uma homenagem literária a sua família:

Esta música a la que estamos habituados a llamar clásica yo la conocí de niño a través de la ejecución a cuatro manos. De la literatura sinfónica como de la camerística poco había que no hubiera entrado en la vida doméstica con ayuda de los grandes volúmenes en formato apaisado a los que el encuadernador ponía pastas del mismo color verde. Parecían como hechos para que se pasaran sus páginas, y a mí se me permitió pasarlas, mucho antes de que conociera las notas, guiado sólo por la memoria y el oído. (ADORNO, 2008a, p. 325).¹³

O aprendizado da língua alemã, também um fator de integração dos judeus na virada do século retrasado na Alemanha e marca de uma formação laica promovida no âmbito familiar, em especial pela nova função que a mãe passara a ocupar na moderna família judia (CLAUSSEN, 2006, p. 57), é rememorado por Adorno em *Notas de literatura* (ADORNO, 2003). Por volta de 1910 em Frankfurt, como esclarece Claussen (2006, p. 57), o emprego do “alto alemão” podia converter um jovem em “outsider”:

Tal experiencia [do emprego de palavras estrangeiras] me recuerda mi infancia, cuando charlando anodidamente con un compañero en el tranvía que nos llevaba al colegio, el viejo Dreibus, un vecino de nuestra calle, se me dirigió furioso: “Diablo de chiquillo, a la porra con tu altoalemán y aprende de una vez a hablar alemán bien”. Apenas se me había pasado el susto que me dio el señor Dreibus, cuando no mucho después lo llevaron completamente borracho a casa en una carretilla, y probablemente no mucho más tarde murió. Él fue el primero que me enseñó lo que era la *rancune*,¹⁴ una cosa para la que no hay palabra nativa adecuada, a menos que se la confunda con el *ressentiment*,¹⁵ hoy en día tan fatalmente querido en Alemania [...]. (ADORNO, 2003, p. 207; grifos e notas do original).

O tema da relação entre formação e linguagem será objeto de reflexão também por parte de Adorno no ensaio *A filosofia e os professores* (ADORNO, 2000, p. 50-74), no qual aborda, entre outros aspectos, as dificuldades dos futuros professores nos exames escritos e orais:

A linguagem do exame oral é ainda pior do que a dos trabalhos escritos. Frequentemente trata-se de um balbuciar, intermeado por frases cerceadoras e indeterminadas tais como “até certo ponto”, com que, no próprio instante em que uma afirmação é feita, procura-se imediatamente evitar a responsabilidade pela mesma. Palavras estrangeiras, e até mesmo nomes em línguas estrangeiras constituem obstáculos raramente transpostos sem provocar seqüelas para o obstáculo ou para o

candidato. Por exemplo, a maior parte que elegeu para o exame um filósofo aparentemente considerado fácil, como Hobbes, referir-se-á ao mesmo como Hobbes, como se o bes fosse tomado àquele dialeto em que “algo” soa como ebbes. Quanto ao dialeto, impõem-se esclarecimentos. Espera-se da formação cultural que ela amenize a rudeza da linguagem regional com formas mais delicadas. Mas nada disto ocorre. O conflito entre o alemão culto e o dialeto termina numa reconciliação que não satisfaz a ninguém, nem mesmo ao próprio futuro professor, cujo desagrado ressoa em cada palavra. (ADORNO, 2000, p. 65).¹⁶

Conforme dito anteriormente, o idioma também constituiu um motivo objetivo importante para o regresso de Adorno para a Alemanha nos anos de 1950 (ADORNO, 1995, p. 133-136) e tem íntima relação com o tema da pátria, anteriormente referido. Entretanto, é importante destacar, como o faz Claussen (2006, p. 60), que a pátria é entendida por Adorno não como apego ao território, mas como *humanidade*. Esse entendimento é perceptível, por exemplo, na comovedora passagem do aforismo “Segunda colheita” de *Minima Moralia*, na qual Adorno relata um sonho que teve durante o exílio:

Numa noite de tristeza inconsolável, eu me surpreendi fazendo uso do subjuntivo ridicularmente errado de um verbo que, ele próprio, já não pertencia de todo ao alemão padrão, mas faz parte do dialeto de minha cidade natal. Desde os primeiros anos escolares não havia mais ouvido essa forma errada tão familiar, menos ainda empregado. Uma melancolia, que me arrastava de maneira irresistível para o abismo da infância, despertou esse antigo som, que aguardava impotente lá no fundo. Como um eco, a linguagem devolveu-me a humilhação que a infelicidade me infligiu esquecendo o que eu sou. (ADORNO, 1993, p. 96).

A relação entre infância, pátria e utopia também emerge nas lembranças das viagens que realizava com sua família nos arredores de Frankfurt. Em seus escritos, Adorno (2008b, p. 265-270) aponta, por exemplo, para o desejo adulto de retornar a Amorbach,¹⁷ em Odenwal (Hessel), localidade que frequentava nos meses de verão, e que entra em cena quando aborda a infância, como escreve o biógrafo Reinhard Pabst (2003). Mas também ali, onde talvez pudesse localizar essa potência de realização de um mundo melhor, era possível identificar o fracasso da cultura. Para a criança,

é óbvio que aquilo que a encanta em suas cidadezinhas adoradas só pode ser encontrado lá e em nenhum outro lugar; ela se engana, mas o seu engano instaura o modelo da experiência, de um conceito que seria finalmente o conceito da coisa mesma e não algo mísero extraído das coisas. (ADORNO, 2009, p. 309).

Em *Minima Moralia* (ADORNO, 1993), as lembranças da infância estão frequentemente associadas ao tema das viagens, como no aforismo “Heliotrópio”, no qual Adorno rememora a ansiedade, que fazia seu coração disparar mais do que na véspera de Natal, provocada pela visita de hóspedes, que traziam notícias e objetos de lugares distantes, e cujas malas já eram identificadas pela criança como o símbolo da felicidade do mundo dos adultos. Também no aforismo “Segunda colheita” vemos a rememoração da infância associada às viagens, mais especificamente ao retorno para a casa (percebida de outra forma) depois das férias:

À criança que regressa das férias, o lar parece novo, fresco, em festa. Mas aí nada mudou desde que ela o deixou. O simples esquecimento do dever, ao qual exorta cada móvel, cada janela, cada

lâmpada, restaura a paz sabática, e por alguns minutos, na tabuada das salas, quartos e corredor, a gente está em casa de um modo tal que, a vida inteira, só o afirma a mentira. Não é de outro modo que, um dia, o mundo há de aparecer, sem mudanças quase, sob a luz incessante de seu dia feriado, quando não estiver mais sob a lei do trabalho e quando a quem torna à casa o dever for tão leve quanto o foi o jogo nas férias. (ADORNO, 1993, p. 97).

Elemento importante que aparece nessa reflexão, e que é retomado por Adorno em outro momento de *Minima Moralia*, é a relação entre *jogo e trabalho, utilidade e gratuidade*, dimensões da vida que, para as crianças, ainda não foram inteiramente enrijecidas e separadas pelos processos de socialização da sociedade capitalista contemporânea. Conforme aponta Santos (2018, p. 329), a potencialidade de crítica ao existente facultada pela infância (e pela lembrança do adulto de sua própria infância) “[...] está precisamente na superação da lógica da mercadoria, na reafirmação do ‘valor de uso’ das coisas, no rompimento da linha que separa radicalmente trabalho e lazer, no engodo momentâneo ao imperativo da troca que os jogos infantis logram estabelecer.” No aforismo “Lojinha de brinquedo”, em *Minima Moralia*, a partir de uma anotação de Hebbel em seu diário sobre a reação e relação das crianças com personagens, objetos e cores do universo circense (saltimbancos, músicos, marionetes etc.) e do comentário que ele faz a respeito da incompreensão dos pequenos por ignorarem algo que, segundo Hebbel, os adultos sabem bem – que é o fato de esses artistas estarem trabalhando para garantir sua subsistência e reprodução material da vida (e que, portanto, equivale a qualquer outro trabalho –, Adorno enfatizará que a percepção infantil, ainda não completamente formatada pela lógica da mercadoria, ainda é capaz de apreender a contradição entre o fenômeno e sua fungibilidade, salvando, no jogo, o valor de uso das coisas frente a seu equivalente universal, o valor de troca:

A “forma equivalente” deforma todas as percepções: tudo aquilo que não reluz mais a luz de sua própria determinação, como “gosto pelo que fazem”, empalidece diante do olhar. [...] O desencantamento do mundo sensível é a reação do *sensorium* à determinação objetiva desse mundo como “mundo das mercadorias”. Só as coisas purificadas da apropriação seriam ao mesmo tempo coloridas e úteis: sob a coerção universal esses dois predicados não se conciliam. *Mas isto não significa tanto que as crianças estejam, como Hebbel pretende, presas a ilusões acerca da “atraente multiplicidade”, mas antes que sua percepção espontânea ainda apreende a contradição entre o fenômeno e a fungibilidade – que a percepção resignada dos adultos não alcança mais – e tenta a ela se subtrair.* O jogo é a defesa delas. À criança, incorruptível, salta aos olhos a “peculiaridade da forma equivalente”: “o valor de uso torna-se a forma de manifestação do seu contrário, o valor” (Marx, *O capital*, I). *Em suas atividades gratuitas, a criança põe-se com uma finta do lado do valor de uso contra o valor de troca. Precisamente na medida em que despoja as coisas que manipula de sua utilizada mediatizada, a criança busca salvar, em seu trato com elas, o que as torna benéficas aos homens e não à relação de troca, que deforma igualmente homens e coisas.* O caminhãozinho não vai a nenhum lugar, e os minúsculos barris que transporta estão vazios; todavia, permanecem fiéis à sua destinação não a exercendo, não participando do processo de abstração que nivela neles aquela determinação, mas ficam imóveis como alegorias daquilo para que existem especificamente. [...] A irrealidade dos jogos anuncia que o real ainda não o é. Eles são exercícios inconscientes para a vida justa. (ADORNO, 1993, p. 199-200; grifos nossos).

Interessante perceber que o protesto contra o império da utilidade, marca indelével dos jogos infantis, é também uma característica que Adorno atribui à filosofia, em geral, e ao seu trabalho intelectual, em específico. Afinal de contas, os intelectuais seriam ao mesmo tempo beneficiários da má sociedade e

aqueles de cujo trabalho socialmente inútil depende em grande medida a possibilidade de uma sociedade emancipada (ADORNO, 1993):

A criança, assim poderia argumentar a ontologia fundamental se ela não fosse tão ôntico-psicológica, pergunta sobre o ser. A reflexão a tolhe dessa pergunta e a reflexão da reflexão, como sempre acontece no caso do idealismo, gostaria de restituí-la. No entanto, dificilmente a dupla reflexão perguntaria de modo tão imediato quanto a criança. Seu comportamento é copiado pela filosofia, por assim dizer com o antropomorfismo do adulto, como se essa fosse a da infância de todo o gênero humano, como algo pré e supratemporal. Aquilo em que a criança trabalha arduamente é antes a sua relação com as palavras, das quais ela se apropria com um esforço que, na idade mais avançada, quase não é mais representável do que o mundo, o qual, enquanto o mundo dos objetos de sua ação, lhe é em certa medida familiar desde as primeiras fases. Ela quer se assegurar da significação das palavras e essa ocupação – sem dúvida alguma marcada por uma obstinação ranheta, gazeteira e psicanaliticamente explicável – a conduz à relação entre a palavra e a coisa. Ela adora levar sua mãe à loucura com o problema penoso sobre por que o banco se chama banco. Sua ingenuidade não é ingênua; Enquanto língua, a cultura migra em movimentos muito precoces de sua consciência: uma hipoteca lançada sobre o discurso acerca da originariedade. O sentido das palavras e o seu teor de verdade, sua “posição em relação à objetividade”, ainda não são agudamente distintos um do outro; saber o que significa a palavra “banco” e o que um banco realmente é – ao que é que se deve imputar o juízo existencial – é a mesma coisa, ou ao menos indiferenciado, para aquela consciência; aliás, em casos inumeráveis, isso só é passível de ser cindido com muito esforço. Orientada pelo vocabulário aprendido, a imediaticidade infantil é mediada em si mesma justamente nesse ponto; a insistência na pergunta sobre o “porquê”, sobre o que há de primeiro, é pré-formada. (ADORNO, 2009, p. 100-101).

Se, por um lado, a infância reafirma, para Adorno, que “não há vida correta na falsa” (ADORNO, 1993, p. 33), como vimos em suas análises e lembranças sobre sua própria infância e os processos de socialização levados a cabo em um peculiar lar burguês, por outro, as singularidades do mundo infantil – um pequeno mundo inserido no grande, como diria Benjamin (2002) – fariam perceber, pelo avesso, as possibilidades postas para o exercício de uma “vida justa” (ADORNO, 1993).

Considerações finais

Conforme assinalado na introdução, não temos a intenção de aproximar ou contrastar o pensamento de Adorno e Sartre, mas destacar alguns temas e problemas que ambos colocam em cena em suas análises sobre a relação entre indivíduo-sociedade ou subjetividade-objetividade, desde uma perspectiva que problematiza, mas não exclui, a dialética, que se nutre e se esparsa do marxismo.

Nesse contexto surge, em suas obras, a infância. Não para se voltar contra a razão (em favor de um certo irracionalismo ou de uma autonomia da infância), mas para situá-la na experiência com a palavra-pensamento que faz emergir, no trabalho de memória, os “aromas do materialismo” (ADORNO, 1976) que ultrapassam ou deixam escapar seres que não nascem quando recebem seu primeiro salário (SARTRE, 2002) ou que não participam, ainda, como trabalhadores, dos processos de geração de mais-valia (ADORNO, 1993).

Adorno e Sartre não buscam, na infância, nomear complexos, tampouco confrontá-la ou situá-la em uma realidade idealizada, mas destacam uma certa relação que as crianças estabelecem com as palavras e

as coisas, as coisas e as palavras, ainda sem hierarquia ou severa distinção, que a cultura não deixará de estabelecer. Nessa relação emerge a experiência que destitui a lei científica e deixa espaço para formular uma máxima ou contar uma história, como diria Agamben (2005).

Incompatível com a certeza, a experiência resiste ao princípio da identidade (na relação entre totalidade e particularidade) e dá lugar à dor como motor do pensamento, seja a dor em relação a esse mundo, como em Adorno, ou a dor da liberdade, em Sartre. “O que há de doloroso na dialética é a dor em relação a esse mundo, elevada ao âmbito do conceito. O conhecimento precisa se juntar a ele, se não quiser degradar uma vez mais a concretude ao nível da ideologia [...]” (ADORNO, 2009, p. 13-14).

Talvez não por outro motivo seja tão recorrente nas obras de Adorno e Sartre a imbricação entre arte e filosofia, conforme destacado anteriormente, enquanto expediente para poder dizer aquilo que não poderia ser expresso de outro modo. Trata-se, no limite, daquilo que constitui o “nervo vital da dialética” (ADORNO, 2013, p. 35): a tentativa de superar a manipulação meramente conceitual e a arbitrariedade do método, de lidar, pela contraposição, com a tensão entre o pensamento e aquilo que lhe é subjacente, fazendo ingressar no conceito – não pela identidade, mas pela diferença – o que não é conceitual.

Notas

¹ Se, por um lado, a biografia constitui tema e método importante em Sartre, por outro, Adorno mantinha severas reservas em relação a esse gênero literário. Para uma maior compreensão das críticas de Adorno à biografia, conferir Claussen (2006). Sobre o estatuto de método (progressivo-regressivo) do estudo biográfico em Sartre, conferir *Questão de método* (SARTRE, 1957).

² Sobre o conceito de *experiência* na filosofia moderna, conferir Jay (2009). Para um aprofundamento nesse conceito em Adorno, consultar, entre outros, o capítulo específico sobre Adorno e Benjamin do referido livro de Jay (2009, p. 365-418) e Petry, Bassani e Vaz (2014). Sobre o conceito de experiência em Sartre, consultar *A Transcendência do Ego* (SARTRE, 1936) e *O Ser e o Nada* (SARTRE, 1943). Segundo Noudelmann & Philipe (2004, p. 507), a *experiência* em Sartre é concreta e indizível, ou ainda, a experimentação que um sujeito faz da sua própria existência e situação singular/universal. Para o autor, o Ego se forma a partir da noção de *Erlebnis*, termo alemão intraduzível para o francês e por ele denominada de *Expérience vécu* que significa *vivido* ou *viver alguma coisa*. (Sartre, p. 47, 1988). Esta experiência é tomada por uma outra consciência (reflexiva) que a torna refletida e permite o surgimento do Ego como algo transcendente, no mundo, nas relações. (Sartre, 1988) Uma leitura sobre o tema pode ser localizada também em Alvaro (2018).

³ O próprio Adorno declarou, em setembro de 1966, que *Les Mots (As palavras)* de Sartre, uma das fontes principais deste trabalho, como se verá adiante, havia sido o livro que mais o impressionara naquele ano, “porque en este libro se muestra de una manera a mi parecer insuperable el entrecruzamiento de lenguaje y experiencia.” (ADORNO, 2010).

⁴ O emprego desses termos entre aspas remete, por um lado, à importância do *contraste* e da *dissonância* na análise que Adorno fez da obra de importantes compositores e de movimentos musicais de sua época, tais como o dodecafonismo. Por outro remete à relação que Adorno e Sartre tiveram com o marxismo, no sentido de uma não identificação total com essa tradição, embora certamente dela herdeiros, mas com posições divergentes desde suas margens. Nesse sentido, o emprego desses termos guarda fundamentalmente o caráter de oposição ao de harmonia.

⁵ Esta é a pergunta que persegue o autor em suas obras desde *La Transcendence de l’Ego* até *L’Idiot de la Famille*: “*Que peut-on savoir d’un homme, aujourd’hui?*” Questão que envolve o problema da liberdade, esta que dispensa qualquer determinismo e que permite compreender o sentido de uma vida (não sua explicação), situada no mundo, por meio do seu método, dialético, progressivo-regressivo (LEMIÈRE, 1999, p. 10).

⁶ “Qu’est-ce que cela veut dire? Une plaie peut-elle être native? De toute manière, Flaubert nous renvoie à sa prot-histoire. Ce qu’il faut tenter de savoir, c’est origine de cette plaie ”*toujour cachée*” et qui remonte en tout cas à sa première enfance. Cela ne sera pas, je crois, un mauvais départ. (SARTRE, 1971, p. 9).

⁷ Entrevista de Sartre à Michel Contat (SARTRE, 1976).

⁸ Segundo BURGELIN (1994), a leitura de “*Les Mots*” pode ser esclarecida a partir de outros textos importantes na obra de Sartre, como os romances e novelas “*La Nausée*, 1938”, “*Le Mur*, 1939”, “*Les chemins de la liberté*, 1945-1949” e os escritos da juventude publicados em 1990; as biografias de Baudelaire (1946), Jean Genet (1952) e Flaubert (1971-1972); os textos de crítica literária em “*Situations I, II, III, IV*”; a autobiografia oral e as entrevistas. Sob nosso ponto de vista, para compreender

“Les Mots” também faz-se necessário um estudo rigoroso de sua obra filosófica. A bibliografia sobre “Les Mots” é igualmente farta.

⁹ Livro publicado por Benjamin em 1936 sob o pseudônimo de Detlef Holz. As cartas e comentários que compõem o livro já haviam sido publicados no *Frankfurter Zeitung* em 1930/31.

¹⁰ A violência no espaço escolar também será objeto de reflexão de Adorno na conferência “Tabus acerca do magistério”, pronunciada em 1965 (ADORNO, 2000, p. 97-118), não apenas porque, para ele, haveria um componente disciplinar irremediavelmente associado à figura do professor (a de alguém que é fisicamente mais forte e tem a possibilidade de castigar o mais fraco), mas também por conta da existência de um *dupla hierarquia* no espaço e dinâmica escolares: uma *oficial*, baseada, sobretudo, no desempenho intelectual; e outra, *latente*, não honrada pela primeira e, portanto, *não-oficial*, em que a força física, o “ser homem” e todo um conjunto de aptidões prático-físicas, muitas delas vinculadas à violência, exercem um papel bastante importante (ADORNO, 2000, p. 111).

¹¹ Conforme destacam Richter e Vaz (2005, p. 89-90), Adorno “chama a atenção para os pequenos que isolam seus colegas, recusando-se, por exemplo, a jogar/brincar com outras crianças consideradas externas ao seu grupo étnico. Ele chama a atenção para as crianças que excluem as outras (*Ausschlissenden*), que compõem coletivos que diluem os sujeitos nas práticas autoritárias e de submissão. Adorno lembra das crianças que para as outras dizem ‘com você eu não brinco’, ou ainda ‘com aquele ninguém joga’, desmascarando nossa frívola impressão de que a crueldade infantil seria ‘apenas’ ‘coisa de criança’”. Sobre o tema conferir também o debate com Hellmut Becker, “Educação – para quê?” (ADORNO, 2000, p. 139-154) e a conferência *Zur Bekämpfung des Antisemitismus heute* (“Como combater o antisemitismo hoy”) – ADORNO, 2014, p. 365-386), escrita e pronunciada alguns anos antes de “Educação após Auschwitz”.

¹² Veja-se, como exemplo, o texto “O problema da família” (ADORNO, 2014, p. 305-312).

¹³ No referido debate realizado na Rádio de Hessen “Educação para quê?”, em 1966, Adorno problematizará a relação entre ouvido e memória no âmbito da formação (*Bildung*), evocando sua própria experiência com a música na infância: “Sem nenhuma intenção polêmica, quero acrescentar que o lado institucional e, portanto, a realização objetiva de tais âmbitos da experiência são acompanhados de grandes dificuldades neste plano extremamente sutil, que tem algo a ver com a memória involuntária, e de uma maneira geral se refere ao involuntário. Para usar mais uma vez a referência à música: experiências musicais na primeira infância a gente tem, por exemplo, quando, levado a deitar na cama para dormir, acompanhamos desobedientes e com os ouvidos atentos à música de uma sonata para violino e piano de Beethoven proveniente da sala ao lado. Mas se adquirirmos essa experiência mediante um processo, ele próprio por sua vez ordenado, torna-se duvidosa a mesma profundidade da experiência. Não pretendo especular nesta oportunidade acerca dessa questão, mas apenas chamar a atenção para um ponto nevrálgico.” (ADORNO, 2000, p. 146).

¹⁴ “*rancune*”: “reñor o despecho”. [N. del T.]

¹⁵ “*Ressentiment*”: “Resentimiento”. [N. del T.]

¹⁶ Para uma melhor compreensão da relação entre linguagem e formação em Adorno, conferir, entre outros, Bassani e Vaz (2003, p. 29) e a própria nota que Adorno acrescentou ao referido ensaio depois da recepção negativa gerada por suas observações sobre as dificuldades dos candidatos ao magistério (ADORNO, 2000, p. 74).

¹⁷ De Amorbach também emerge o sentimento de pátria, mas que se perde no exílio a que se vê obrigado: o sentimento de pátria “enquanto forma um contexto cultural de experiência, lhe parecia perdida. [...] São experiências reais, que inspiraram o conceito enfático de experiência, por exemplo na ‘Dialética Negativa’” (MÜLLER-DOOHM, 2003, p. 10) e que resguardam os traços de um processo de construção de uma socialização bem sucedida no mundo dos adultos (JÄGER, 2003).

Referências

ADORNO, Theodor W. *Miscelânea I*. Obra completa, 20/1. Madrid: Akal, 2014.

ADORNO, Theodor W. *Introducción a la dialéctica*. 1. ed. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2013.

ADORNO, Theodor W. *Correspondência, 1928-1940*/Theodor Adorno, Walter Benjamin. São Paulo: Unesp, 2012.

ADORNO, Theodor W. *Miscelânea II*. Obra completa, 20/2. Madrid: Akal, 2010.

ADORNO, Theodor W. *A Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ADORNO, Theodor W. *Escritos musicales IV*. Obra completa, 17. Madrid: Akal, 2008a.

ADORNO, Theodor W. *Crítica de la cultura y sociedad I*. Obra completa, 10/1. Madrid: Akal, 2008b.

ADORNO, Theodor W. *Notas sobre Literatura*. Obra completa, 11. Madrid: Akal, 2003.

- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- ADORNO, Theodor W. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia: reflexões sobre a vida danificada*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- ADORNO, Theodor W. *Terminologia filosófica (Tomo I)*. Madrid: Taurus, 1976.
- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História*. Destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- ALMEIDA, Jorge de. Introdução à coleção. In: ADORNO, Theodor W. *Introdução à sociologia da música: doze preleções teóricas*. São Paulo: UNESP, 2011. p. 9-12.
- ALVARO, Daniel. La experiencia del nosotros en El ser y la nada. Sartre en el umbral de lo social. *Límite*. Revista Interdisciplinaria de Filosofía y Psicología, Chile, v. 13, n. 41, p. 3-16, 2018.
- BASSANI, Jaison J.; VAZ, Alexandre F. Comentários sobre a educação do corpo nos “textos pedagógicos” de Theodor W. Adorno. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 13-37, jan. 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo, e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: rua de mão única*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BURGELIN, C. *Les Mots de Jean-Paul Sartre*. Paris: Gallimard, 1994.
- CLAUSSEN, Detlev. *Theodor W. Adorno: un de los últimos genios*. Valencia: Universitat de València, 2006.
- CONTAT, Michel. *Pourquoi et comment Sartre a écrit Les Mots*. Genèse d'une autobiographie (sous la direction de). Paris: PUF, 1996.
- CONTAT, Michel & RIBALKA, Michel. *Écrit de jeunesse*. Paris: Gallimard, 1990.
- GAGNEBIN, Jeanne M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne M. Infância e pensamento. In: GAGNEBIN, Jeanne M. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 169-184.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. W. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- JÄGER, Lorenz. *A identidade negativa*. Folha de São Paulo, São Paulo, 31 ago., 2003, p. 2-10.
- JAY, Martin. *Cantos de experiencia: variaciones modernas sobre un tema universal*. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- LEJEUNE, Philippe. *Je est un autre*. Paris: Seuil, 1980.
- LEMIÈRE, Vincent. *La conception sartrienne de l'enfant*. Paris: L'Harmattan, 1999.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Monumento ao sujeito: quando Flaubert foi personagem de Sartre*. Folha de São Paulo, São Paulo, 9 fev., 2014, p. 4.

- MANDAGARÁ, Pedro. Engajamento e “engajamento” – Sartre, Adorno e Augusto de Campos. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 47-57, maio/ago. 2017.
- MULLER-DOHM, Stefan. *A identidade negativa*. Folha de São Paulo, São Paulo, 31 ago., 2003, p. 2-10.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *As aventuras da dialética*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- NOUDELMANN, François et PHILIPPE, Giles. *Dictionnaire Sartre*. Paris: Honore Champion, 2004.
- PABST, Reinhard. *Kindheit in Amorbach: Bilder und Erinnerungen*. Frankfurt am Main: Insel Taschenbuch, 2003.
- PETRY, Franciele B.; BASSANI, Jaison J.; VAZ, Alexandre F. Experiência e vida danificada: Walter Benjamin, Theodor W. Adorno. *Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional*, Curitiba, v. 9, n. 22, p. 109-130, maio/ago. 2014.
- SANTOS, Patricia S. Infância e promessa: notas baseadas no pensamento de Theodor Adorno. *Pro-Posições*, Campinas, v. 29, n. 3, p. 323-338, set./dez. 2018.
- SARTRE, Jean-Paul. *La nausée*. Paris: Gallimard, 1938.
- SARTRE, Jean-Paul. *Le Mur*. Paris: Gallimard, 1939.
- SARTRE, Jean-Paul. *L'Être et le Néant – Essai d'Ontologie Phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1943.
- SARTRE, Jean-Paul. *Baudelaire*. Paris: Gallimard. Col. Folio, 1947.
- SARTRE, Jean-Paul. *Saint Genet: Comédien et Martyr*. Paris: Gallimard, 1952.
- SARTRE, Jean-Paul. Questions de Méthode. In: *Les Temps Modernes*. N° 139, p. 338-417, sept., 1957.
- SARTRE, Jean-Paul. *Critique de la raison dialectique*. Gallimard, 1960.
- SARTRE, Jean-Paul. *Les Mots*. Paris: Gallimard. Col. Folio, 1964.
- SARTRE, Jean-Paul. *L' idiot de la famille*. Gustave Flaubert de 1821 à 1857. Paris: Gallimard, 1971-72.
- SARTRE, Jean-Paul. Entretien de Sartre à Michel Contat – Sur l'Idiot de la famille. In: *Situations X*, p. 85-107, 1976.
- SARTRE, Jean-Paul. *Les carnets de la drôle de guerre*. Paris: Gallimard, 1983. [SEP]
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo ; A imaginação; Questão de método*. Traduções de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Junior. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- SARTRE, Jean-Paul. *La Transcendence de l'ego: esquisse d'une description phénoménologique*. Paris: Vrin, 1988.
- SARTRE, Jean-Paul. *A Transcendência do Ego seguido de Consciência de si e conhecimento de si*. Tradução e Introdução de Pedro M. S. Alves, Lisboa, Eduções Colibri, 1994.
- SARTRE, Jean-Paul. A infância de um chefe. In: SARTRE, Jean-Paul. *O muro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005a.
- SARTRE, Jean-Paul. *As Palavras*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005b.
- SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RICHTER, Ana C.; VAZ, Alexandre F. Corpos, saberes e infância: um inventário para estudos sobre a educação do corpo em ambientes educacionais de 0 a 6 anos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 3, p. 79-93, 2005.

SPOHR, Bianca. A concepção restauradora da narrativa em Sartre. *Revista de Psicologia da USP*, v. 27, n. 01, p. 61-69, 2006.